

Reflexões sobre *Towards a Biology of Traditions*, de Dorothy Fragaszy e Susan Perry

Reflexões porque eu não tenho exatamente questões para levantar sobre esse texto. Tive uma dificuldade mediana para lê-lo e fiquei com a impressão de que não consegui assimilar integralmente o que as autoras advogaram nele.

Sobre diferenças e semelhanças:

As autoras iniciam o capítulo defendendo que provavelmente macacos prego e outros animais possuem comportamento social e tradições, ou seja, que isso não é exclusivo dos humanos. Eu ainda adicionaria que não é exclusivo sequer dos primatas, dado o comportamento extremamente social das abelhas e formigas, por exemplo. Compartilho da crítica delas sobre a tradicional necessidade de atribuir de forma comparativa características positivas e negativas de culturas de não-humanos em relação com a nossa. Elas defendem que talvez o aprendizado social seja nossa única característica em comum com determinadas espécies sociais, mas imagino que possa existir equivalências que sequer imaginamos no mundo animal.

Uma parte que me chamou atenção é quando elas falaram do tamanho do córtex. Digo, não é algo difícil de concluir em um primeiro momento, mas o fato de que nosso cérebro não é o maior do mundo animal e que cérebro de formigas e abelhas são mínimos me faz pensar que se falar que a defesa delas de que quanto maior o córtex, mais aprendizado modulado é possível é a melhor conclusão. Me parece que mais estudos aqui precisam ser realizados.

Sobre construção de nichos e tradições:

Segundo as autoras, tradição consiste em padrões comportamentais duradouros compartilhados entre membros de um grupo que dependem de um nível mensurável de contribuições sociais para o aprendizado individual. E a construção de nicho ocorre com múltiplas espécies que conseguem modificar o ambiente através de seus comportamentos, aumentando então a importância do comportamento para o progresso de seleção natural.

Não ficou muito claro para mim, mas imagino que há uma relação direta de construção de nicho com tradição, visto que se o comportamento é repetitivo como na tradição, ele altera o ambiente de alguma forma, além de produzir variáveis inéditas que vão auxiliar os membros daquele grupo a modificar o ambiente e utilizar recursos de novas formas. A novidade para mim aqui foi aprender que “tradição” pode ser utilizada, além do descrito acima, como ferramenta de manutenção e adaptação de atividades simples e para inovações específicas.

Sobre aprendizado social:

Cientistas comportamentalistas definem aprendizado social como mudanças no comportamento de um indivíduo que resultam, em parte, de prestar atenção no comportamento de outro. As autoras criticam um pouco essa definição pois para elas a informação não pode ser transferida apenas de modo abstrato como esse de prestar atenção. É necessário também a prática. Embora a forma como elas colocaram tenha sido, ao meu ver, um pouco ingênua, eu concordo com a mensagem final. Digo isso porque se formos analisar em termos mais basilares, tudo que acontece é sim transferência de informação, afinal, *tudo* que o sistema sensorial capta do ambiente externo é convertido em pulsos elétricos – inclusive *inputs* motores. Entretanto, somos seres multissensoriais então apenas prestar atenção não garante que o comportamento será aprendido. Aqui eu imagino que a imitação e neurônios espelho façam algum sentido para a construção desse argumento.

Além disso, elas defendem que para entender a origem das tradições, é necessário entender a natureza dos vieses sociais no aprendizado. E aparentemente vão atrás de uma possível metodologia para isso. Acho que a ideia principal é minimizar as ambiguidades (como elas fazem com os termos “inato” e “herdado”), criticar os posicionamentos que ignoram outras áreas de estudos e defender que é necessário não somente reconhecer que existem explicações acerca do aprendizado social em níveis distintos, mas que essas explicações devem ser compatíveis umas com as outras. Hoje em dia é impossível fazer um bom estudo sem interdisciplinaridade, então essa conclusão para mim é fatual.